

Ensino de Matemática no Liceu Maranhense através dos arquivos ludovicenses

Waléria de Jesus Barbosa Soares*

1 Introdução

No século XIX, o Maranhão viveu pontos altos em sua economia, com vários destaques para o comércio. Porém, isso não se mostrou como constante, ao longo do século. Nesse mesmo tempo, o setor literário foi o que mais se desenvolveu, a ponto de a cidade de São Luís, sua capital, receber o título de “Atenas Maranhense”, por ser berço dos maiores letrados do país.

Sob esses aspectos socioeconômicos e culturais, a educação maranhense via suas relações estarem intimamente relacionadas com o contexto da sociedade. Como o auge do comércio, uma das principais funções da escola foi preparar os futuros trabalhadores para um ofício: o de comerciante. Cabia então ao ensino de matemática, em uma das principais tarefas, trabalhar com os conteúdos matemáticos relacionados para esse fim.

Com este trabalho, busca-se descortinar o ensino de matemática em uma dessas escolas: o Liceu Maranhense, criado em 1838, objetivando resgatar um pouco da memória dessa instituição pública escolar secundária e de sua prática. A metodologia qualitativa conta com análise documental, seguindo a ideia de Burke (2005), de que “tudo tem história”.

Leis e Regulamentos da educação da Província do Maranhão e outros documentos referentes à criação e funcionamento do Liceu Maranhense no século XIX, estão entre as fontes primárias pesquisadas, além de livros de matemática adotados, biografias de professores e currículo de matemática pertencentes à instituição.

Toma-se como principais acervos a Biblioteca Pública Benedito Leite, o Arquivo Público do Estado do Maranhão e o Arquivo do Centro de Ensino Liceu Maranhense. Este em péssimas condições, ao ponto de ser considerado pela própria instituição como um depósito. Porém, isso não impede o encontro de informações necessárias à escrita deste trabalho, e ainda, destaca-se Bloch (2001), quando diz que “o espetáculo da busca, com seus sucessos e reveses, raramente entedia. É o tudo pronto que espalha o gelo e o tédio”.

Destaca-se que é de fundamental importância que os documentos escritos, tomados aqui como principais fontes de pesquisa, sejam compreendidos como “o resultado de

* Unicamp, doutoranda em Ensino de Ciências e Matemática, apoio Capes.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

2

uma montagem, consciente ou inconsciente da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou manipulado, ainda que pelo silêncio (LE GOFF, 1996: 548)”. Logo, a tarefa de analisá-los exige dedicação e para tanto, quando se trata de instituições escolares, há de considerar a influência de uma época na determinação dos conteúdos disciplinares (CHERVEL, 1990).

Reconhece-se que a história de uma instituição escolar e do seu ensino, construída por sujeitos e suas contribuições ao longo dos tempos, deva ser conhecida e discutida para que se possa compreender a sociedade através das pessoas, suas vivências e produções.

2 O que dizem os documentos sobre a educação na cidade de São Luís oitocentista

A prosperidade econômica se refletiu no perfil urbano de São Luís, no século XIX. Nessa época foi construída a maior parte dos casarões, que em maioria eram casas dos grandes fazendeiros, bastante semelhantes às moradias da Europa, em estilo colonial revestidos por azulejos portugueses, que evidenciam a influência portuguesa na arquitetura local.

A Praia Grande, maior centro comercial e cultural do Estado concentrava a riqueza na capital. Este fato contribuiu para o desenvolvimento social e intelectual de São Luís.

No campo da educação, havia na cidade a influência das políticas educacionais nacionais existidas no Período Imperial sobre a prática pedagógica de professores. Por isso, no início do século, algumas barreiras foram encontradas, como a quase inexistência da comercialização de livros, acarretando numa escassez de leitura por parte da população, fato agravado pela censura imposta pela metrópole portuguesa e posta em prática pelo governo local. Somente com a Lei de 15 de outubro de 1827, que determinava a criação de escolas primárias ou de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugarejos populosos, que a educação no Maranhão foi impulsionada, o que se verifica quando os relatórios provinciais indicam que o número de escolas maranhenses passou de 14 para 24 (CASTRO, 2009).

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

3

Em 1838, foi inaugurado o Liceu Maranhense. Nesta escola se educava os alunos (em sua grande maioria, pertencente à elite) para uma possível vaga na universidade, em especial na Europa. De outro lado, em 1841, através da Lei Provincial Nº 105, de 23 de agosto de 1841, foi fundada a Casa dos Educandos Artífices, destinada aos meninos pobres e humildes. A escola buscava proporcionar a aprendizagem de um ofício que pudesse garantir a futura sobrevivência e o sustento da família de seus alunos (CASTRO, 2009).

Em 1844, foi criado o Colégio Nossa Senhora da Glória, para meninas. Este colégio também contava com um espaço para meninos que pretendiam entrar para o Liceu Maranhense. Os meninos tinham mais oportunidades, pois ainda contavam com a educação oferecida nos Colégios Perdigão e Colégio do Pires.

Em meados do século XIX, a literatura fez São Luís ficar conhecida como “Athenas Brasileira”, pois era reduto de um grande número de literários. A imprensa progrediu, o que de certa forma facilitou a dinamização da divulgação e do desenvolvimento do saber (SCHUBRING, 2003).

Em 1846, o poeta Gonçalves Dias fundou a Associação Literária Maranhense. Neste mesmo ano, um dos membros dessa associação publicou em São Luís, o mais antigo livro de matemática a que temos registro no estado do Maranhão: *Primeiras Noções de Arithmetica*. Composto pelo bacharel português Ayres de Vasconcellos Cardoso Homem.

Durante o século XIX, os ludovicenses acompanharam o desenvolvimento das livrarias. A educação era estampada em jornais. As revistas traziam artigos sobre o ensino e oferecimento de cursos. Ainda assim, a educação de qualidade na cidade era destinada principalmente à elite que nela residia. Há de se saber que somente no século XX, houve a expansão de escolas de ensino primário para combater o analfabetismo das classes menos favorecidas em todo o estado do Maranhão.

3 O que dizem os documentos sobre a criação do Liceu Maranhense

Os documentos nos evidenciam que em 1838, com a criação do Liceu Maranhense, deu-se início a uma educação pública secundarista destinada principalmente aos

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

4

filhos da elite, no Maranhão pós-independência, realidade que não se torna diferente no decorrer de todo o século XIX.

O Liceu foi o primeiro colégio público de ensino secundário do Maranhão e o único (nesta categoria) de todo o século XIX. Criado por meio da Lei nº 17, no dia 24 de julho de 1838, e fundado neste mesmo ano pelo então presidente da província do Maranhão, Vicente Thomaz de Figueiredo Carvalho, o Liceu – como já foi dito –, educava seus alunos para uma possível vaga na universidade. A princípio funcionou no pavimento térreo do antigo Convento da Igreja do Carmo.



Figura 1: Igreja N. Sr.ª do Carmo – primeira sede do Liceu Maranhense.
Fonte: Arquivo Pessoal de Gaudêncio Cunha, 1908.

Posteriormente a sede do Liceu foi mudada para a Rua Formosa (hoje, Rua Afonso Pena), 174, esquina com Rua Direita (hoje, Rua Henrique Leal). Mas, somente em 1841, fixou sede própria no Parque Urbano Santos, num prédio construído exclusivamente para seu funcionamento e onde se encontra até hoje.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

5

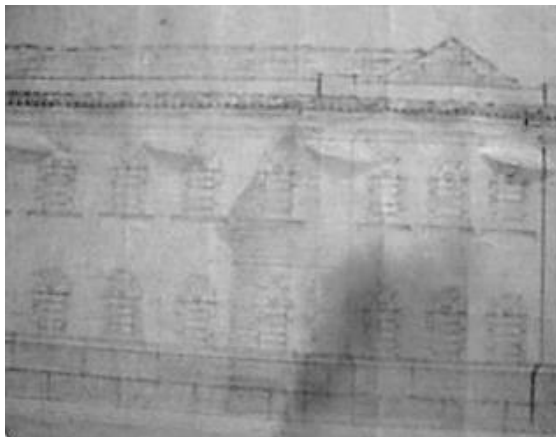


Figura 2: Planta da última sede do Liceu Maranhense.
Fonte: Arquivo Público do Estado do Maranhão.



Figura 3: Sede do Liceu Maranhense após sua construção, em 1841.
Fonte: Arquivo Pessoal de Gaudêncio Cunha, 1908.

Neste prédio, o Liceu maranhense teve como primeiro diretor o professor, jornalista e poeta Francisco Sotero dos Reis. Nesta época, a instituição era conhecida como Palácio da Educação. Destaca-se que no início de seu funcionamento, o Liceu enfrentou duras críticas, pois ao mesmo tempo em que sua clientela era candidata aos cursos superiores, a sociedade exigia que se formasse para uma profissão.

4 O que dizem os documentos sobre o ensino de matemática no Liceu Maranhense no século XIX

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

6

A história do ensino de matemática no Liceu maranhense envolve os professores, os diretores, os livros, as leis, os regulamentos, as avaliações, ou seja, todos os elementos e fatos de que encontramos registros e que influenciaram o ensino.

Já em sua criação, pode-se perceber a importância que o ensino de Matemática tinha nesta escola. Das treze cadeiras criadas, cinco tinham conteúdos matemáticos em seu currículo. Eram elas: 9ª cadeira: Desenho; 10ª cadeira: Aritmética, primeira parte de Álgebra, Geometria e Trigonometria Plana; 11ª cadeira: Segunda parte de Álgebra, Cálculo e Mecânica; 12ª cadeira: Navegação Trigonométrica Esférica e Observações Astronômicas; 13ª cadeira: Cálculo Mercantil e escrituração por partidas dobradas, formando esta cadeira com a 10ª, o Curso de Comércio e as 10ª, 11ª e 12ª, o de Marinha, também oferecidos no Liceu Maranhense.

Essas cadeiras aconteciam em aulas que duravam uma hora e meia por dia. Todas as aulas, sempre que necessário, eram fiscalizadas por um inspetor, para o seu melhor desempenho.

Os matemáticos ou professores de matemática que tiveram ligação com o Liceu Maranhense no século XIX tiveram seus estudos fortemente influenciados pela pedagogia da Europa. Os mesmos, em sua maioria, obtiveram seu ensino superior nas Universidades de França ou Portugal.

O terceiro diretor do Liceu foi Alexandre Theophilo de Carvalho Leal, economista e pedagogo, era também bacharel em Ciências Matemáticas pela Universidade de Coimbra.

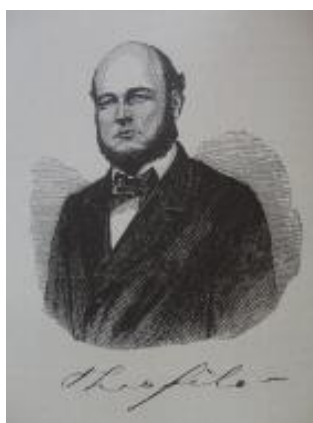


Figura 4: Alexandre Theophilo de Carvalho Leal
Fonte: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

7

Nascido no Maranhão em 1823 (ou talvez, 1822), Leal foi sócio da Sociedade Philomáthica Maranhense. Apesar de não se saber a data, mas os registros indicam que ele publicou um livro chamado “Arithmetica”.

Suas aulas de Geometria eram anunciadas nos jornais da cidade.

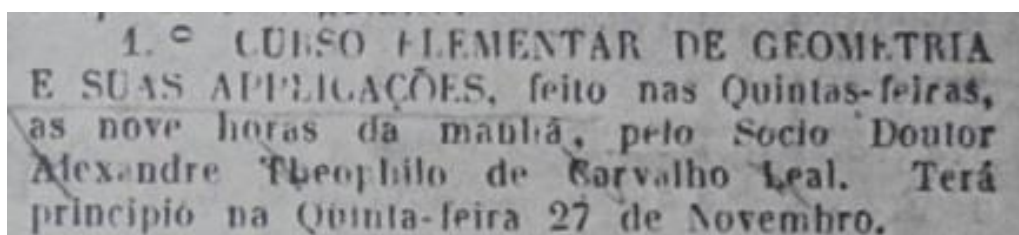


Figura 5: Anúncio de aula no Jornal “O Archivo” de 1845.

Fonte: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Outro matemático maranhense, João Antonio Coqueiro, nasceu em São Luís a 30 de abril de 1837. Bacharelou-se em Ciências Físicas e Matemáticas pela Faculdade de Ciências de Paris. Posteriormente na Universidade de Bruxelas se doutorou também em Ciências Físicas e Matemáticas.

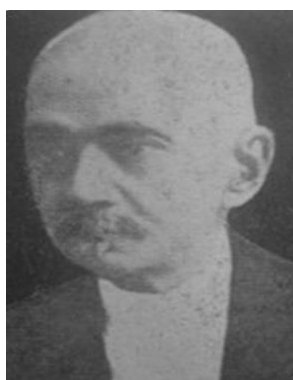


Figura 6: João Antonio Coqueiro.

Fonte: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

Publicou o livro “Tratado de Aritmética”, obra adotada e reconhecida tanto no Brasil quanto em Portugal e em outros países. Publicou ainda: “Metrologia Moderna ou Exposição Circunstanciada do Sistema Métrico Decimal”, “Prática das Novas Medidas e Pesos”, “Curso Elementar de Matemática”.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

8

No Liceu, Coqueiro lecionou Matemática Elementar e Mecânica Racional. Foi também avaliador nos exames de admissão da escola. Estes exames seguiam os programas das matérias definidos pelo Liceu. Eles constavam de provas orais e escritas. As provas de matemática eram divididas em Aritmética e Geometria, além de Álgebra e Trigonometria.

Podemos citar como conteúdos de Aritmética: números e algarismos, números decimais, números inteiros, quatro operações, unidades de medida, sistema monetário brasileiro, além de problemas; e como conteúdos de Geometria: linhas, retas, ângulos, polígonos(triângulos, quadriláteros e circunferências), poliedros(cubos e cones).

As provas orais nas áreas de ciências consistiam na exposição e desenvolvimento não só do assunto determinado pelos expositores, mas também nos princípios gerais da matéria. As provas escritas consistiam na exposição do assunto que era dado:

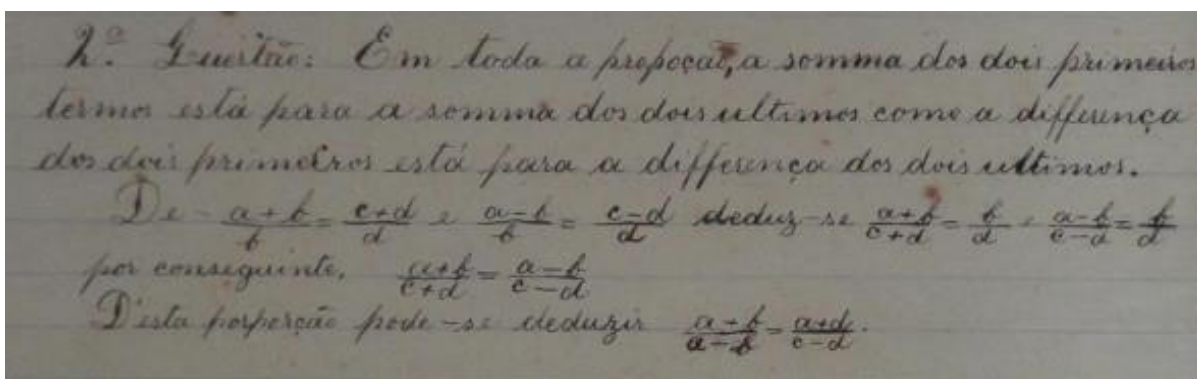


Figura 7: Exame de admissão do Liceu Maranhense, 1898.
Fonte: Arquivo do Centro de Ensino Liceu Maranhense.

Outra função que cabia ao Liceu era a análise e aprovação de livros. A exemplo, temos o livro “Primeiras Noções de Arithmetica”(já mencionado), publicado em 1846. Este livro de 64 páginas, dividido em 28 lições. Já na capa do livro, o autor oferece a obra a Alexandre Theophilo de Carvalho Leal, que mencionou-se no início do tópico, como professor de matemática e diretor do Liceu na época em que o livro foi publicado.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

9

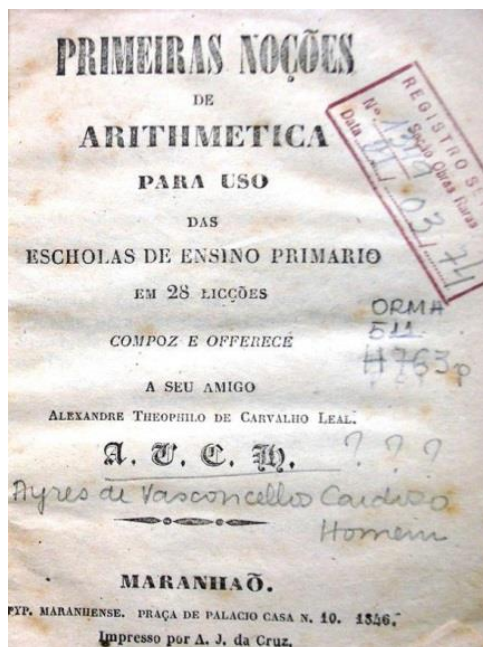


Figura 8: Livro “Primeiras Noções de Arithmetica”.
Fonte: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

O autor do livro, Cardoso Homem, nasceu em Oliveira do Conde, freguesia de Portugal do século XIX, onde foi batizado em 12 de junho 1819. Formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra, onde também frequentou a Faculdade de Filosofia. Veio para São Luís em 1845, onde foi colaborador do Jornal de Instrução e Recreio e membro da Associação Literária Maranhense. No Liceu foi professor de Filosofia Racional.

Como matemático não temos informações se ele frequentou faculdade, porém encontramos referência a ele como bacharel em Matemática, autor de compêndios de matemática, com trabalhos ainda na área de Física.

Do prefácio do livro de Cardoso Homem, extraído da ata da sessão da congregação do Liceu, datada de 21 de fevereiro de 1846, podemos ver que a mesma foi assinada pelo Secretário de Instrução Pública da Província do Maranhão, João Nepomuceno Xavier de Brito, que no ano de 1841, de acordo com os registros, era secretário e professor de Matemática do Liceu Maranhense.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

10

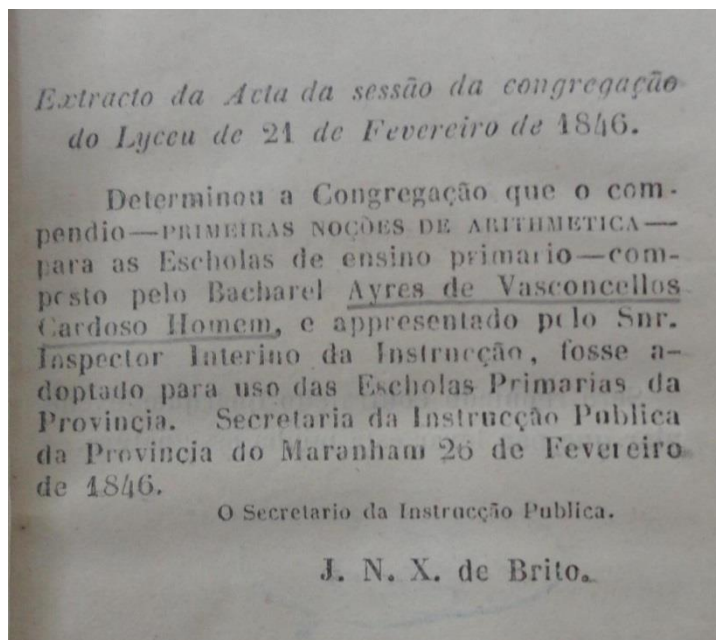


Figura 9: Recorte da ata da sessão da congregação do Liceu Maranhense.
Fonte: Arquivo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

A ata ainda indica que o livro de Cardoso Homem deveria ser adotado para o ensino das escolas primárias da Província. Esse documento foi inserido no livro, como era usual no século XIX. Isso dava mais legitimidade para a obra e seu autor. A venda do livro era anunciada em jornais da cidade.

O livro deveria ser adaptado ao ensino das escolas primárias da província do Maranhão. Ele era reflexo do anseio da sociedade maranhense pelo acesso ao conhecimento com ênfase no caráter comercial. Esse era o ensino de matemática nas escolas de São Luís, com foco principal na aritmética, com ênfase nas quatro operações e conteúdos que proporcionavam um dos caminhos para a preparação dos futuros comerciantes, como: Porcentagem, Regra de Três e Juros. Em seus exercícios e exemplos, eram apresentados problemas que envolviam o comércio do Maranhão da época, o que reforça a tese de que no Liceu, o ensino de matemática, buscava satisfazer as necessidades de um tempo.

Considerações Finais

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

11

Brasil, século XIX: o comércio explodiu, reflexo da Revolução Francesa e Revolução Industrial. O Maranhão, ora segunda província mais desenvolvida, ora quarta, foi atingido.

Coube à educação, na capital, seguir acompanhando os altos e baixos dessa sociedade. Coube à escola, preparar os futuros trabalhadores para seu ofício. Coube aos livros, serem importantes manuais a serem seguidos pelos professores. Coube às tipografias, a impressão e reprodução destes livros. Coube aos livros de matemática, também ensinar os futuros comerciantes.

Conhecer um pouco da história do ensino de matemática através de uma escola, o Liceu Maranhense, a partir de documentos de fontes primárias do século XIX, proporcionou o conhecimento de uma história pouco explorada. A escrita deste trabalho auxilia assim, na compreensão das necessidades da sociedade maranhense da época, uma vez que é preciso reconsiderar o lugar da matemática na educação do passado. Este é um caminho para quem sabe, compreendê-la no presente.

Enfim, a Praia Grande continua a ter comércio, mas não é mais o centro comercial de São Luís. O Maranhão ainda sobrevive do comércio, mas não o açucareiro ou algodoeiro, como era no período oitocentista. Em meio a essas mudanças, uma realidade ainda permanece: o Liceu Maranhense continua sendo uma das melhores escolas públicas de São Luís.

Referências

BLOCH, M. **Apologia da história**: ou ofício de historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

CASTRO, C. A. (Org.) **Leis e regulamentos da instrução pública no Maranhão Império: 1835-1889**. São Luís: EDUFMA, 2009.

CHERVEL, A. **História das disciplinas escolares**: reflexões sobre um campo de pesquisa. Porto Alegre: Teoria e Educação, 1990.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

SCHUBRING, G. **Análise histórica de livros de matemática**. Notas de aula. Campinas: Autores Associados, 2003.